contos

sem conta

(henrique pitt)

capa e contracapa: Vermelho

(vermelhoxilo@wordpress.com

A ilha solitária que rodeia a multidão.....4

Do que são feitas as palavras.....15

In-tenso!.....18

Vida em cores.....20

Vida em vestes.....26

Vida em golpes.....28

História desmontável de várias

vidas e uma morte gradual.....32

Estória de um destino a dois.....47

O delicado aroma adocicado dos tomates.....53

Possíveis cárceres

e improváveis liberdades – 1.....60

Possíveis cárceres

e improváveis liberdades – 2.....63

(dois minutos) Entre parênteses.....65

As estátuas não se movem.....68

Conflitos atemporais.....76

O amor só existe de dia.....90

Dos avessos e do próprio amor.....94

Dos avessos e do próprio ódio.....97

Amores quando.....100

A ilha solitária que rodeia a multidão

Amanhecia o dia e aparecia o sol nos retrovisores dos automóveis que ouviam de seus rádios as previsões do trânsito para mais aquele dia que prometia nuvens carregadas para a cidade – com chuva ou não. Os semáforos dirigiam a vida de todos e raramente permitiam que alguém pensasse em outra coisa que não fosse nos seus arcos de cores (que não estimulam a íris de ninguém) e nos segundos que autoritariamente brincam de tirar da vida de cada um que forma fila para aquilo.

A imobilidade do trânsito convida os olhos a saírem de foco e levarem consigo os pensamentos a situações aparentemente absurdas de serem pensadas ali, naquela

situação, e ela fecha os olhos e vê a velha estrada de chão esburacada; o caminho de volta à sua infância – ouve o rádio dizer e logo repetir a hora, lembra que no seu celular estarão contados cinco minutos mais do que os radializados e que provavelmente chegará uns dez minutos atrasada – e as nuvens de poeira que elevam-se da estrada agora não desbotam o verde das folhas nas suas margens e ela, a estrada, se movimenta ininterruptamente em ondas como um tapete que é sacudido, mas não expele o seu carro, aliás, aquilo tudo é bastante divertido para ela e também para todas as várias outras pessoas, todos jovens como ela, que estão no carro, e que ela não sabe quem sejam exatamente pois não consegue tirar os olhos do caminho e apenas ouve os gritos e gargalhadas misturadas, e olha para as mãos e percebe

que o volante que segura não tem influência alguma sobre a direção do veículo, que parece guiar-se por conta própria ou pela estrada.

Os olhos abrem-se e ela está lá, no mesmo lugar, apenas com o automóvel virado em sentido oposto ao que de manhã estivera, exatamente ali, naquele ponto da mesma avenida, e o semáforo que naquele período posicionava-se às suas costas agora põe um ponto vermelho no centro de cada um dos seus olhos abertos – e nos olhos de todos que estão ao seu redor olhando-o fixamente como que por adoração. O rádio diz que o transito está péssimo e aconselha que aquele não é um bom momento para se sair de casa dirigindo. A penumbra através do para-brisas cansa os olhos e as pálpebras caem lentas juntas com a noite, e dentro da noite dos olhos também é noite e

há varias crianças além dela segurando candeeiros com velas acesas, pois acabara a energia elétrica. Brincavam de esconde-esconde, sendo que todos escondiam-se e todos também procuravam ao mesmo tempo, e assim, brincariam a noite toda e não haveria vencedores ou perdedores. Ouvia cochichos e risos muito baixos, quase sussurrados, de todas as outras crianças, mas não se podia ver o rosto de ninguém na escuridão, e pensou que pudessem todos estar querendo apenas encontrar ela, mas depois percebeu que também fazia o mesmo. Pensava que reconhecia as vozes e por algum tempo se esforçava para concluir de quem seria a que era ouvida no momento, mas nunca conseguia. Quando as velas já se esvaiam junto com o arrefecimento da cegueira noturna, estavam todos muito cansados, e enfim as chamas

escassas de cada candeeiro se juntaram e numa só elevou-se em sol desde eles até o céu, e ofuscou o interior dos olhos que permaneciam fechados.

As cortinas de pálpebras afastam-se e ela está lá, no mesmo lugar, apenas com o automóvel virado em sentido oposto ao que no anoitecer estivera, exatamente ali, naquele ponto da mesma avenida, e ela vê em amarelo o que por frações de segundos pensa ser o sol, mas logo percebe que o sol brilha em seu retrovisor e que aquela luz que agora torna-se rubramente incandescente é o semáforo, que no último passado anoitecer estivera as suas costas. O rádio diz que poderá chover, o que para as previsões sobre o transito é uma certeza de complicações para a locomoção automobilística, e num intervalo de cinco minutos diz a “hora certa” três vezes para

auxiliar todos a saírem de casa a tempo de seus tempos. Ela sente-se cansada embora ainda seja cedo, e encosta a testa ao volante; num piscar de olhos está sentada a uma mesa de restaurante com os talheres postos à sua frente e mais uma colher na mão. Há mais quatro pessoas além dela na mesma mesa e ela os conhece, mas não reconhece, pois são todos mais velhos, e todos levam nas rugas e marcas do rosto expressões tensas e incomodadas. Olha-se na colher que tem na mão, mas também não se reconhece no reflexo, e pensa que é porque o reflexo está invertido e invertendo a colher se vê melhor e percebe que há, sim, ela atrás das próprias rugas e marcas do rosto. Ouve protestos e reclamações dos outros e quando tira a colher da frente dos olhos os vê sentados em suas cadeiras de cabeça-para-baixo, e um deles fala “além de

nos obrigarmos a vir aqui, você ainda piora as coisas?”. O garçom chega com a comida numa bandeja; o prato é uma azeitona de tamanho razoável (haja vista que estão em cinco, ponderou sua amiga ao fazer o pedido) com queijo ralado em cima, e todos estão com os garfos e facas em punho para a partilha exatamente igualitária. Ela diz que como está sentada corretamente, se preferissem, poderia servi-los, e ainda mais, ficar com o caroço, só pra sentir o gosto, mas todos protestaram veementemente, e ela tentou justificar dizendo que estava com a colher, e então percebeu que todos também já empunhavam colheres e que viravam-nas de cabeça-para-baixo. Mas um deles se exaltou e virou o reflexo do garçom e a azeitona caiu sobre a mesa fazendo respingar pedaços de comida por todo o lugar. Ela baixou a cabeça e começou a